

Coro e Orquestra Gulbenkian

Alain Altinoglu

27 + 28 ABRIL 2017



28 DE ABRIL
SEXTA

18:00 — *Zona de Congressos*

Entrada Livre

Conhecer uma obra — Guia de audição

Sinfonia n.º 9 de Ludwig van Beethoven

por **Paulo Ferreira de Castro**

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

 VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910
Joalheiros há mais de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Muito mais do que livros. Por boas causas.

MECENAS
CICLO PIANO

 pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



Orquestra Gulbenkian

27 DE ABRIL
QUINTA

21:00 — *Grande Auditório*

28 DE ABRIL
SEXTA

19:00 — *Grande Auditório*

Coro e Orquestra Gulbenkian

Alain Altinoglu Maestro

Chen Reiss Soprano

Nora Gubisch Meio-Soprano

Christian Elsner Tenor

Tareq Nazmi Baixo

Paulo Lourenço Maestro do Coro Gulbenkian

Maurice Ravel

Shéhérazade, ouverture de féerie

Shéhérazade

Asie

La flûte enchantée

L'indifférent

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 9, em Ré menor, op. 125, "Coral"

Allegro ma non troppo, un poco maestoso

Scherzo: Molto vivace – Presto

Adagio molto e cantabile

Presto – Allegro assai – O Freunde, nicht diese

Töne! – Allegro assai

Duração total prevista: c. 2h 10 min.

Intervalo de 20 min.

Maurice Ravel

Ciboure, 7 de março de 1875
Paris, 28 de dezembro de 1937

Shéhérazade, ouverture de féerie

COMPOSIÇÃO: 1898
ESTREIA: Paris, 27 de maio de 1899
DURAÇÃO: c. 14 min.

Shéhérazade

COMPOSIÇÃO: 1903
ESTREIA: Paris, 17 de maio de 1904
DURAÇÃO: c. 18 min.



SHÉHÉRAZADE, POR PAUL-EMILE DETTOUCHE (1794-1874) © DR

Entre os traços distintivos do universo criativo de Maurice Ravel, figura marcante do efervescente ambiente artístico parisiense do início do século XX, encontram-se a sua faceta de orquestrador genial e o seu fascínio pelo exotismo e pela fantasia. Percorrida por imaginativos coloridos tímbricos, harmonias sofisticadas e novos contornos da forma musical, a sua produção recorre a fontes de inspiração tão diversas como a natureza, a música espanhola e oriental, a herança musical da França setecentista, o imaginário infantil e ecos do emergente mundo do jazz.

A sensibilidade no campo da instrumentação e o apelo do exotismo manifestam-se desde a juventude, quando Ravel estudava no Conservatório de Paris, onde foi admitido em 1897 na classe de composição de Gabriel Fauré e onde foi aluno de André Gédage em matérias como o contraponto e a fuga. Tinham passado poucos meses desde que o compositor frequentava a instituição, quando começou a delinear uma “ópera oriental” inspirada na temática das *Mil e Uma Noites*. Do plano inicial, acabaria por subsistir apenas a abertura, *Shéhérazade, ouverture de féerie*, a primeira peça

orquestral de Ravel conhecida, estreada em 1899, na Société Nationale de Musique, sob a direção do compositor. A opinião dos críticos dividiu-se entre os que reconheceram o seu talento e os que apontaram de forma assertiva a “imitação da escola russa”. A partitura só viria a ser publicada em 1975, mas desde essa data tem beneficiado de ampla divulgação em concerto e em disco. Seguindo um modelo de recorte clássico, a *Overture de féerie* revela um apreciável refinamento no tratamento das madeiras e dos metais, incluindo o sinuoso canto do oboé solista no início da obra, identificado pelo compositor como o tema de *Shéhérazade*. Reconhecem-se influências de Rimsky-Korsakov e de Debussy e o recurso a elementos como a escala de tons inteiros e agregados modais é colocado ao serviço da criação da atmosfera fantástica associada à famosa contadora de histórias de *As Mil e Uma Noites*.

Ravel abandonou a ideia da ópera, mas manteve o fascínio pelo orientalismo, escrevendo em 1903 um ciclo com o mesmo título, *Shéhérazade*, a partir de textos de Tristan Klingsor (1874-1966),



LES APACHES EM 1913, SENDO RAVEL O ÚLTIMO À DIREITA © DR

que tinha acabado de publicar uma coletânea de poemas de inspiração árabe em verso livre. O compositor e Klingsor (pseudônimo de Arthur Leclère) faziam parte do grupo “Les Apaches”, que reunia vários jovens músicos, escritores e artistas plásticos. Entre outros interesses, partilhavam o entusiasmo pela música russa do Grupo dos Cinco e por Debussy. Foi numa das reuniões de “Les Apaches” que Ravel terá ouvido o próprio Klingsor ler os seus poemas, tendo escolhido três para pôr em música, atendendo à sugestiva riqueza pictórica e à flexibilidade rítmica do discurso. O luxuriante colorido da orquestração e o tratamento silábico da linha vocal, tirando partido da musicalidade e da fonética do próprio texto, devem muito a Debussy, ao mesmo tempo que conferem a Ravel um lugar de destaque entre os compositores da época, devido à sua sofisticação de escrita. A estreia teve lugar em Paris, em 1904, na voz de Jeanne Hatto (a quem é dedicada a primeira canção), sob a batuta de Alfred Cortot. Ravel converte admiravelmente em música o mistério que se desprende dos textos na linha das tendências simbolistas, criando três páginas de nostálgica beleza, nas quais um delicado *pianissimo* dá, pouco a pouco, lugar à exuberância do som orquestral, apoiado por uma rica paleta harmónica, onde abundam intervalos de

segunda, sétima e nona. A primeira das canções (*Asie*), na tonalidade escura de Mi bemol menor, foi inicialmente pensada para concluir o ciclo, mas posteriormente Ravel optou por trocar a ordem. É a mais longa, evocando uma espécie de jornada sonhada às longínquas terras do Oriente, descritas por deslumbrantes cores instrumentais e alternando momentos de excitação e langor. Através da incessante repetição de “je voudrais voir”, o protagonista fantasia com a Arábia, a Índia e a China, tentando escapar à sua habitual existência mundana. *La Flûte enchantée* transporta-nos para a quietude de uma tarde amena, dando voz a uma rapariga escrava que ouve ao longe o som da flauta tocada pelo seu amado. Em *L'Indifférent* assistimos à ambiguidade de um potencial encontro amoroso nunca concretizado entre dois estranhos. O narrador (ou narradora, já que o texto deixa em aberto se se trata de um homem ou de uma mulher) deixa-se encantar por um jovem andrógino e convida-o a entrar para tomar vinho, mas a misteriosa figura acaba por se afastar, evaporando-se como uma miragem. A música evoca o desejo através de sensações fugazes e de um lirismo introspetivo, recorrendo a motivos ondulantes nas cordas e a texturas fluídas que criam uma atmosfera no limiar entre o sonho e a realidade.

Maurice Ravel

Shéhérazade

TEXTO: Tristan Klingsor (Arthur Justin Léon Leclère)

Asie

Asie, Asie, Asie.
Vieux pays merveilleux des contes de nourrice
Où dort la fantaisie comme une impératrice
En sa forêt tout emplie de mystère.
Asie, je voudrais m'en aller avec la goëlette
Qui se berce ce soir dans le port
Mystérieuse et solitaire
Et qui déploie enfin ses voiles violettes
Comme un immense oiseau de nuit dans
le ciel d'or.
Je voudrais m'en aller vers des îles de fleurs
En écoutant chanter la mer perverse
Sur un vieux rythme ensorceleur.
Je voudrais voir Damas et les villes de Perse
Avec les minarets légers dans l'air.
Je voudrais voir de beaux turbans de soie
Sur des visages noirs aux dents claires;
Je voudrais voir des yeux sombres d'amour
Et des prunelles brillantes de joie
En des peaux jaunes comme des oranges;
Je voudrais voir des vêtements de velours
Et des habits à longues franges.
Je voudrais voir des calumets entre des bouches
Tout entourées de barbe blanche;
Je voudrais voir d'après marchands aux
regards louches,
Et des cadis, et des vizirs qui du seul
mouvement
De leur doigt qui se penche
Accordent vie ou mort au gré de leur désir.
Je voudrais voir la Perse, et l'Inde, et puis la
Chine,
Les mandarins ventrus sous les ombrelles,
Et les princesses aux mains fines,
Et les lettrés qui se querellent

Ásia

Ásia, Ásia, Ásia.
Velho país maravilhoso de que falavam
as amas
Onde a fantasia dorme como uma imperatriz
Na sua floresta cheia de mistério.
Ásia, eu quereria partir na escuna
Que esta noite baloça no porto
Misteriosa e solitária
E que solta enfim as suas velas de cor violeta
Como um imenso pássaro noturno num
céu de ouro.
Queria partir para ilhas de flores
Ouvindo o mar perverso cantar
Ao som de uma velha melodia sedutora.
Queria ver Damasco e as cidades da Pérsia
Com os leves minaretes suspensos no ar.
Queria ver belos turbantes de seda
Sobre rostos negros de dentes alvos;
Queria ver olhos tristes de amor
E pupilas brilhantes de alegria
Sobre peles ocre como laranjas;
Queria ver vestes de veludo
E ornamentos de longas franjas.
Queria ver cachimbos nas bocas
Cercadas de barba branca;
Queria ver cúpidos mercadores
de olhar turvo,
E cádis e vizires que num só movimento
Do seu dedo que se inclina
Concedem vida ou morte como lhes apraz.
Queria ver a Pérsia e a Índia, e depois
a China,
Os mandarins ventrudos sob as sombrinhas
E as princesas de mãos finas,
E os letrados que se disputam

Sur la poésie et sur la beauté;
Je voudrais m'attarder au palais enchanté
Et comme un voyageur étranger
Contempler à loisir des paysages peints
Sur des étoffes en des cadres de sapin
Avec un personnage au milieu d'un verger;
Je voudrais voir des assassins souriant
Du bourreau qui coupe un cou d'innocent
Avec son grand sabre courbé d'Orient.
Je voudrais voir des pauvres et des reines;
Je voudrais voir des roses et du sang;
Je voudrais voir mourir d'amour
ou bien de haine.
Et puis m'en revenir plus tard
Narrer mon aventure aux curieux de rêves
En élevant comme Sindbad ma vieille
tasse arabe
De temps en temps jusqu'à mes lèvres
Pour interrompre le conte avec art...

La flûte enchantée

L'ombre est douce et mon maître dort
Coiffé d'un bonnet conique de soie
Et son long nez jaune en sa barbe blanche.
Mais moi, je suis éveillée encor
Et j'écoute au dehors
Une chanson de flûte où s'épanche
Tour à tour la tristesse ou la joie.
Un air tour à tour langoureux ou frivole
Que mon amoureux chéri joue,
Et quand je m'approche de la croisée
Il me semble que chaque note s'envole
De la flûte vers ma joue
Comme un mystérieux baiser.

Sobre a poesia e a beleza;
Queria demorar-me no palácio encantado
E como um viajante estrangeiro
Contemprar sem pressa paisagens pintadas
Sobre tecidos em molduras de pinho
Com uma personagem no meio de um pomar;
Queria ver assassinos sorrindo
Do carrasco que degola o pescoço de um
inocente
Com o seu grande sabre curvo do Oriente.
Queria ver pobres e rainhas;
Queria ver rosas e sangue;
Queria ver morrer de amor ou então de ódio.
E mais tarde ao acordar
Para narrar a minha aventura aos curiosos de
sonhos
Levando como Sindbad a minha velha taça
árabe
Aos lábios, de vez em quando,
Para interromper com arte a narrativa...

A flauta encantada

A sombra é amena e o meu senhor dorme
A cabeça coberta por um barrete cónico de seda
O nariz longo e ocre sobre a barba branca.
Mas eu estou ainda desperta
E escuto lá fora
Uma canção de flauta que entoa
Ora a tristeza ora a alegria.
Uma melodia ora lânguida ora frívola
Que o meu doce amado toca,
E quando me aproximo da janela
Tenho a impressão que cada nota voa
Da flauta para a minha face
Como um beijo misterioso.

L'indifférent

Tes yeux sont doux comme ceux d'une fille,
Jeune étranger,
Et la courbe fine
De ton beau visage de duvet ombragé
Est plus séduisante encor de ligne.
Ta lèvre chante sur le pas de ma porte
Une langue inconnue et charmante
Comme une musique fausse.
Entre!
Et que mon vin te reconforte...
Mais non, tu passes
Et de mon seuil je te vois t'éloigner
Me faisant un dernier geste avec grâce
Et la hanche légèrement ployée
Par ta démarche féminine et lasse...

O indiferente

Os teus olhos são meigos como os de uma rapariga,
Jovem estrangeiro,
E a curva delicada
Do teu belo rosto de leve barba sombreado
É ainda mais sedutora de perfil.
Os teus lábios cantam na soleira da minha porta
Uma língua desconhecida e encantadora
Como uma música falsa.
Entra!
E que o meu vinho te reconforte...
Mas não, tu passas,
E da minha porta vejo-te afastar
Fazendo-me um último gesto gracioso
E a anca levemente rolada
Pelo teu modo de andar feminino e cansado...

TRADUÇÃO DE ADELAIDE CERVAENS RODRIGUES

Ludwig van Beethoven

Bona, 16 (ou 17) de dezembro de 1770

Viena, 26 de março de 1827

Sinfonia n.º 9, em Ré menor, op. 125, “Coral”

COMPOSIÇÃO: 1824

ESTREIA: Viena, 7 de maio de 1824

DURAÇÃO: c. 1h 7 min.



LUDWIG VAN BEETHOVEN © DR

A 9.ª Sinfonia de Beethoven ocupa um lugar icônico na história da música e, entre as obras da tradição ocidental, uma relevância simbólica ímpar nos campos da história política, social e cultural. Para além de ser um marco decisivo na eclosão do Romantismo musical e da própria sinfonia como género, a sua consagração ao longo do tempo ultrapassou fronteiras e, pelo menos no que se refere à famosa *Ode à Alegria* de Schiller, usada no andamento final, pode dizer-se que se trata de uma das peças mais conhecidas de toda a humanidade, tendo sido apropriada pela cultura de massas. No entanto, e contrariamente aos valores de universalidade inerentes à sua mensagem, desde a sua estreia que as opiniões acerca da 9.ª Sinfonia divergem radicalmente. Para Louis Spohr (1784-1859), violinista e maestro admirador das primeiras criações de Beethoven, tratava-se de uma “monstruosidade” de “mau gosto”, apenas explicada pela surdez do compositor, sendo a *Ode à Alegria* “música trivial”. Pelo contrário, Schumann afirmava que “um grande homem tinha criado a sua maior obra” e Berlioz considerava-a “o cume do génio do seu autor”. Beethoven leva à exaustão os recursos expressivos da sinfonia através de uma composição de

dimensões monumentais que coloca grandes exigências técnicas aos instrumentistas. Ultrapassa também os limites do género ao introduzir texto e vozes, uma novidade que foi depois assimilada por compositores como Mendelssohn, Berlioz ou Mahler. Tal como outras obras de Beethoven, a 9.ª Sinfonia tem um carácter experimental que aponta para o futuro. Contudo, no seu conteúdo musical abundam referências convencionais (música marcial, pastoral, de dança, religiosa, etc.) e material temático relativamente simples. Entre outros fatores, a sua genialidade está na forma como Beethoven manipula esse material musical através de técnicas de construção, desenvolvimento e variação, conferindo-lhe grande tensão dramática. A gestação da 9.ª Sinfonia durou mais de uma década, acabando por fazer confluir ideias que Beethoven tinha para diferentes composições. Por um lado, tinha em mente escrever mais duas sinfonias na sequência do convite da Sociedade Filarmónica de Londres para passar a temporada de inverno de 1817 na capital britânica. A estadia não se concretizou, mas o compositor continuou a alimentar a ideia de escrever mais “duas grandes sinfonias (...) diferentes de todas as

anteriores” e uma oratória, conforme disse em 1822 ao crítico Friedrich Rochlitz. Por outro lado, em 1793, Beethoven já tinha planos para colocar em música o poema de Schiller *An die Freude*, escrito em 1785. Em 1818-19 e em 1822-23, Beethoven trabalhou nos primeiros três andamentos usando algum material anterior, mas seria apenas em meados de 1823 que as diferentes intenções criativas começariam a convergir numa só obra. A estreia ocorreu em 1824, em Viena, sob a direção do compositor. A partitura foi publicada em 1826 na editora Schott com a dedicatória “A sua Majestade o rei da Prússia Frederico Guilherme III”. Beethoven chegou a considerar fazer a estreia em Berlim, mas alguns dos seus admiradores – como o príncipe Lichnowsky, o seu editor Anton Diabelli e o seu antigo discípulo Carl Czerny – persuadiram-no a apresentar a obra em Viena. Do programa constavam também a Abertura op. 124 e algumas rubricas da *Missa Solemnis*. Esta foi a última apresentação triunfal de Beethoven em público. Apesar do seu avançado estado de surdez – que o impediu de ouvir o que dirigia e os entusiásticos aplausos –, dos ensaios atribulados e da interpretação irregular, incluindo músicos amadores contratados à última hora, pode dizer-se que a estreia foi um sucesso. O andamento inicial anuncia já as complexidades da estrutura da obra, trocando a forma sonata mais convencional por um dispositivo onde a exposição e desenvolvimento do material musical se mesclam entre si.

No misterioso início, trémulos das cordas em *pianissimo* apresentam o intervalo de quinta Lá-Mi, harmonicamente vago. Só alguns compassos depois é plenamente afirmada a tonalidade da peça (Ré menor), em *fortissimo*, e o tema principal, tocado por quase toda a orquestra. Uma profusão de temas

secundários é submetida a um tenso processo de desenvolvimento antes da coda triunfal. Com o seu característico motivo rítmico de abertura (oitavas descendentes em ritmos pontuados, que servem de elemento propulsor), o *Scherzo* é uma página de grande vitalidade rítmica, quase um movimento perpétuo, que joga com as acentuações métricas (dando por vezes a ilusão de uma divisão quaternária, quando a peça está escrita em compasso ternário) e com a escrita fugada. Na secção contrastante do *Trio*, ouvem-se pela primeira vez os trombones. O terceiro andamento é um inspirado *Adagio molto e cantabile*, no qual a subtil alternância entre dois belos temas, com as respetivas variações, constituiu um exemplo notável do estilo contemplativo de Beethoven em contraste com o dinamismo atlético dos andamentos anteriores.

No famoso *Presto* final, os temas principais dos três andamentos precedentes são talvez pela primeira vez na história da sinfonia convocados a integrar o discurso musical de uma grandiosa estrutura de caráter teatral, sendo entremeados por fragmentos de recitativo instrumental a cargo dos violoncelos e contrabaixos. Estabelecendo uma espécie de “tratado de aliança entre o coro e a orquestra”, como lhe chamou Berlioz, a voz de barítono irrompe para fazer o convite ao canto dos sons exultantes da *Ode à Alegria* de Schiller, apelo à fraternidade universal. Este impressionante andamento conclusivo foi comparado por Charles Rosen a uma espécie de sinfonia dentro da sinfonia, contendo toda uma engenhosa série de variações, efeitos e contrastes entre coro, solistas e orquestra, caminhando em direção ao crescendo textural que conduz ao incisivo final.

Ludwig van Beethoven

An die Freude

TEXTO: Friedrich von Schiller

O Freunde, nicht diese Töne!
Sondern laßt uns angenehmere
Anstimmen, und freudenvollere!

Freude, schöner Götterfunken,
Tochter aus Elysium,
Wir betreten feuertrunken,
Himmlische, dein Heiligtum!
Deine Zauber binden wieder,
Was die Mode frech geteilt;
Alle Menschen werden Brüder,
Wo dein sanfter Flügel weilt.

Wem der große Wurf gelungen,
Eines Freundes Freund zu sein,
Wer ein holdes Weib errungen,
Mische seinen Jubel ein!
Ja, wer auch nur eine Seele
Sein nennt auf dem Erdenrund!
Und wer's nie gekonnt, der stehle
Weinend sich aus diesem Bund!

Ja, wer auch nur eine Seele...

Freude trinken alle Wesen
An den Brüsten der Natur;
Alle Guten, alle Bösen
Folgen ihrer Rosenspur.
Küsse gab sie uns und Reben,
Einen Freund, geprüft im Tod;
Wollust ward dem Wurm gegeben,
Und der Cherub steht vor Gott!

(SOLO DE BARÍTONO)

Amigos, estes sons, não!
Entoemos antes de forma mais generosa,
E plena de alegria!

(BARÍTONO E CORO)

Alegria, bela radiação divina,
Filha do Eliseu,
Ébrios de fogo,
Entramos, ó celestial, em teu santuário!
Teus encantamentos reúnem o que,
Descarada, a moda separou;
Todos os homens devem irmãos onde, suave,
Tua asa permanecer.

(QUARTETO DE SOLISTAS)

Quem logrou o magno lance de amigo,
Ser de um amigo,
Quem gentil mulher ganhou,
Que em nosso júbilo se misture!
Sim, mesmo quem uma só alma chama sua,
Na redondeza da terra!
E quem nunca o pôde, esse,
Que furtivamente saía, chorando, desta
coligação!

(CORO)

Sim, mesmo quem uma só alma chama sua...

(QUARTETO DE SOLISTAS)

Todos os seres bebem alegria
Dos seios da Natureza;
Todos os bons, todos os maus
Seguem uma rósea pista.
Beijos nos deu ela, e videiras,
Um amigo, provado pela morte;
O gosto da vida foi dado ao verme,
E o querubim está perante Deus!

Küsse gab sie uns und Reben...

(CORO)

Beijos nos deu ela, e videiras...

Froh, wie seine Sonnen fliegen,
Durch des Himmels prächt'gen Plan,
Laufet, Brüder, eure Bahn,
Freudig, wie ein Held zum Siegen.

(Solo de Tenor)

Ditosos, como voam os sóis
Seus pelo plano esplêndido do céu,
Correi, irmãos, vosso caminho,
Alegres como heróis na senda da vitória.

Laufet, Brüder, eure Bahn...

(CORO MASCULINO)

Correi, irmãos, vosso caminho...

Freude, schöner Götterfunken...

(CORO)

Alegria, bela radiação divina...

Seid umschlungen, Millionen!
Diesen Kuß der ganzen Welt!
Brüder! Überm Sternenzelt
Muß ein lieber Vater wohnen.
Ihr stürzt nieder, Millionen?
Ahnest du den Schöpfer, Welt?
Such' ihn überm Sternenzelt!
Über Sternen muß er wohnen.

(CORO E SOLISTAS)

Abraçai-vos milhões!
Neste beijo universal!
Irmãos, sobre a celeste esfera
Tem que um querido Pai morar.
Estais prostrados, milhões?
Presentes o Criador, ó Mundo?
Procurai-o acima da cúpula celeste!
Por sobre as estrelas tem Ele que reinar.

Freude, schöner Götterfunken...

(CORO)

Alegria, bela radiação divina...

TRADUÇÃO DE JOÃO DE FREITAS BRANCO

Alain Altinoglu

Maestro



ALAIN ALTINOGLU © DR

O maestro francês Alain Altinoglu nasceu em Paris em 1975. É o atual Diretor Musical do Théâtre Royal de la Monnaie, em Bruxelas. É também professor de direção de orquestra no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris. Como maestro convidado, Alain Altinoglu dirigiu muitas das mais prestigiadas orquestras europeias e norte-americanas. A presente temporada inclui a sua estreia no Festival de Salzburgo, à frente da Filarmónica de Viena. Dirige também as Sinfónicas de Londres, Boston e Cleveland e realiza uma digressão com a Sinfónica de Gotemburgo, o tenor Klaus Florian Vogt e a violinista Baiba Skride. Destaque ainda para a direção de novas produções de *Werther*, no Gran Teatre del Liceu de Barcelona, de *O Galo de Ouro* e de *Aida*, em Bruxelas. Convidado regular das principais casas de ópera, Alain Altinoglu obteve grandes sucessos no Metropolitan de

Nova Iorque, na Royal Opera House - Covent Garden, no Teatro Colón de Buenos Aires, na Ópera de Viena, na Ópera de Zurique, na Deutsche Oper Berlin, na Ópera da Baviera (Munique) e nos três teatros de ópera de Paris, bem como nos festivais de Bayreuth, Orange e Aix-en-Provence. Para além da direção de orquestra, Alain Altinoglu mantém uma forte ligação ao repertório de *Lied*, acompanhando com regularidade a meio-soprano Nora Gubisch. A mais recente gravação, para a editora Naïve, inclui canções de Falla, Obradors, Granados, Berio e Brahms. Outras gravações incluem canções de Duparc (Cascavelle) e Ravel (Naïve), a Terceira Sinfonia de Górecki, com a orquestra Sinfonia Varsovia, bem como a ópera *Perelà – Uomo di Fumo*, de Dusapin. Em DVD, dirigiu gravações de *Jeanne d'Arc au bûcher*, de Honegger, e de *O Navio Fantasma*, de Wagner.

Chen Reiss

Soprano



Nora Gubisch

Meio-Soprano



Chen Reiss nasceu em Israel. Depois de concluir a sua formação em canto, em Nova Iorque, ingressou na Ópera da Baviera, onde teve Zubin Mehta como seu mentor. Ao longo da sua carreira, interpretou papéis principais na Ópera da Baviera (Munique), na Ópera de Viena, no Théâtre des Champs-Élysées (Paris), no Teatro alla Scala (Milão), na Semperoper Dresden, na Deutsche Oper Berlin, na Ópera de Hamburgo, no Festival de Viena e na Ópera de Israel, entre outros palcos. Chen Reiss apresenta-se também regularmente como solista de concerto, incluindo os festivais de Salzburgo, Rheingau e Lucerna, o Carnegie Hall de Nova Iorque, ou o Musikverein de Viena, sob a direção de maestros de renome como D. Barenboim, I. Bolton, D. Gatti, D. Harding, M. Honeck, M. Janowski, P. Järvi, J. Levine, D. Runnicles, J. Tate, C. Thielemann, ou F. Welser-Möst. O seu diversificado repertório de ópera inclui, entre outros papéis: Gilda (*Rigoletto*), Adina (*L'elisir d'amore*), Nannetta (*Falstaff*), Oscar (*Un ballo in maschera*), Marie (*La fille du régiment*), Sophie (*Der Rosenkavalier*), Rosina (*O barbeiro de Sevilha*), Pamina (*A flauta mágica*), Ilia (*Idomeneo*), Servilia (*La clemenza di Tito*), Blonde (*O rapto do serralho*), Susanna (*As bodas de Figaro*), Zerlina (*Don Giovanni*), Despina (*Così fan tutte*), e Adele (*O morcego*). Com a Filarmónica de Berlim e o maestro Simon Rattle, cantou na banda sonora do filme *O Perfume*, baseado no livro de Patrick Süskind.

Nora Gubisch nasceu em Paris. Estudou canto com Christiane Eda-Pierre no Conservatório Superior de Música de Paris, tendo-lhe sido atribuído um 1.º Prémio. Trabalhou posteriormente com Jacqueline Vera Rozsa. Desde então, interpretou um variado repertório de ópera, incluindo *Carmen* de Bizet, *Juditha triumphans* de Vivaldi, *Salammô* de P. Fénelon, *La Belle Hélène* de Offenbach (em Salzburgo e no Festival d'Aix-en-Provence), *The Rape of Lucretia* de Britten, *Tancredi* de Rossini, *Thérèse* de Massenet, *La clemenza di Tito* (Sesto) de Mozart, *Il ritorno d'Ulisse in patria* (Penelope) de Monteverdi, *A danação de Fausto* (Marguerite) de Berlioz, *Aida* (Amneris) de Verdi, bem como as óperas de Wagner *Os mestres cantores de Nuremberga* (Magdalene), *O crepúsculo dos Deuses* (Waltraute) e *Tristão e Isolde* (Brangäne). Mais recentemente, participou na estreia de *Die rote Lanterne*, de C. Jost, na Ópera de Zurique. Outras atuações incluem o papel principal de *Carmen*, na Deutsche Oper Berlin, *O castelo do Barba Azul*, de Bartók, em Viena, ou *Werther* (Charlotte), de Massenet, no Gran Teatre del Liceu de Barcelona. Sob a direção de maestros de renome como Colin Davis, Lorin Maazel, James Conlon, Christoph Eschenbach, Armin Jordan, Jesús López-Cobos, ou Jean-Claude Malgoire, tem interpretado com regularidade o repertório de concerto. Apresenta-se também em recitais de música de câmara e em duo com o pianista e maestro Alain Altinoglu, tendo ambos gravado recentemente canções de Falla, Obradors, Granados, Berio e Brahms. Em 2014 foi distinguida, em França, com a *Ordre des Arts et des Lettres*.

Christian Elsner

Tenor

Tareq Nazmi

Baixo

O tenor alemão Christian Elsner nasceu em Friburgo e estudou canto com Martin Gründler, Dietrich Fischer-Dieskau e Neil Semer. Em 1993 venceu o Concurso de Lied Walther Gruner, em Londres. Estreou-se nos palcos de ópera em Heidelberg, onde encarnou o papel de Lenski, em *Eugene Onegin* de Tchaikovsky. No Staatstheater de Darmstadt interpretou Tichon, em *Kát'a Kabanová* de Janáček, Macduff, em *Macbeth* de Verdi, e Pedrillo, em *O rapto do serralho* de Mozart. Atuações mais recentes contribuíram para a sua afirmação também no repertório de ópera wagneriano. Christian Elsner é muito solicitado para atuar em concerto, apresentando-se regularmente em festivais e nos mais importantes palcos da Europa, dos Estados Unidos da América e do Japão, sob a direção de maestros de renome como H. Blomstedt, M. Honeck, M. Jansons, K. Nagano, L. Maazel, Y. Nézet-Séguin ou S. Rattle, entre outros. A sua agenda artística inclui também, com frequência, a interpretação de *Lied*, em colaboração com os pianistas Hartmut Höll, Graham Johnson, Charles Spencer e Gerold Huber. Entre as suas gravações, destacam-se *Winterreise* de Schubert, *Dichterliebe* de Schumann, *Das Lied von der Erde* de Mahler, *Lobgesang* de Mendelssohn, *Missa Solemnis* e 9.^a Sinfonia de Beethoven, bem como as óperas de Wagner *O Ouro do Reno* e *Parsifal*. Além de cantor profissional, Christian Elsner é escritor de livros infantis e, desde 2006, professor de canto clássico na Universidade de Música de Wuerzburg.

Tareq Nazmi nasceu no Kuwait, mas cresceu em Munique. Formou-se na Academia de Teatro da Baviera e apresentou-se pela primeira vez em palco na Ópera da Baviera, tendo participado em representações de *Fidelio*, *Don Giovanni*, *A flauta mágica*, *La Calisto*, *Carmen*, *Ariadne auf Naxos*, *La clemenza di Tito*, *Os mestres cantores de Nuremberga* e *Les Indes galantes*, entre outras óperas. Em 2015, René Jacobs dirigiu *Don Giovanni* de Mozart numa digressão com a Freiburg Baroque Orchestra, tendo convidado Tareq Nazmi para cantar os papéis de Comendador e de Masetto. Em 2016 estreou-se na ópera de Colónia, como Leporello, sob a direção de François-Xavier Roth. Outras estreias recentes incluem o Theater an der Wien, a Komische Oper Berlin (*O barbeiro de Sevilha*) e St. Gallen, numa nova produção de *Nabucco* de Verdi. Em concerto, Tareq Nazmi aborda um repertório variado, incluindo obras de J. S. Bach, Mozart, J. Haydn, Beethoven, Brahms, ou Dvořák. Esteou-se com a Washington National Symphony Orchestra, sob a direção de Christoph Eschenbach, cantou *Um Requiem Alemão*, de Brahms, em San Sebastián, com Jukka-Pekka Saraste e a Sinfónica WDR, e o *Requiem* de Mozart, com Manfred Honeck e a Deutsches Symphonie-Orchester, em Berlim. A presente temporada inclui uma digressão na América do Norte com a Klangverwaltung Orchestra. Interpretou recentemente, em recital, *Lieder* de Schubert e Schumann, com o pianista Gerold Huber.

Coro Gulbenkian



CORO GULBENKIAN © FÉDÉO FERREIRA

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, atuando igualmente em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo a cappella, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos, para a interpretação de obras coral-sinfónicas do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem interpretado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado para colaborar com as mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, a Orquestra Juvenil Gustav Mahler, ou a Orquestra Sinfónica Simón Bolívar. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht, Gustavo Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson

Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs ou Theodor Guschlbauer. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival e Festival Internacional de Música de Macau. Em anos recentes, apresentou-se no Festival d'Aix-en-Provence, numa produção da ópera *Elektra*, de Richard Strauss, com a Orquestra de Paris, dirigida por Esa-Pekka Salonen, que teve a assinatura do encenador Patrice Chéreau. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNACMusic e AriaMusic, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro, sendo as funções de Maestro Adjunto e de Maestro Assistente desempenhadas por Jorge Matta e Paulo Lourenço, respetivamente.

Coro Gulbenkian

Michel Corboz Maestro Titular

Jorge Matta Maestro Adjunto

Paulo Lourenço Maestro Assistente

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Caramelo
Beatriz Ventura*
Carla Frias*
Cecília Rodrigues
Claire Santos*
Filomena Oliveira
Inês Lopes
Joana Siqueira
Lucilia de Jesus
Manuela Toscano
Maria José Conceição
Mariana Lemos
Mariana Moldão
Marisa Figueira
Mónica Antunes
Mónica Santos
Natasa Sibalic
Rosa Caldeira
Rosário Azevedo
Sandra Carvalho
Susana Duarte
Tânia Viegas
Verónica Silva

Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Raquel Rodrigues
Rita Tavares
Tânia Valente
Verónica Santos

TENORES

Aníbal Coutinho
Diogo Pombo
Fernando Ferreira
Frederico Projecto
Hugo Martins
Jaime Bacharel
João Barros
João Branco
João Custódio
Manuel Gamito
Miguel Silva
Nuno Fonseca
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rodrigo Carreto*
Rui Aleixo

BAIXOS

CONTRALTOS
Ana Urbano
Beatriz Cebola
Catarina Saraiva
Cristina Ferreira
Elsa Gomes
Inês Martins
Inês Mazoni
Joana Esteves
Liliana Silva
Lucinda Gerhardt
Mafalda Borges Coelho
Manon Marques
Margarida Simas
Maria Forjaz Serra
Marta Queirós

Afonso Moreira
Fernando Gomes
Filipe Leal
Hugo Wever
João Luís Ferreira
José Damas
José Bruto da Costa
Luís Fernandes
Luís Pereira
Manuel Carvalho
Mário Almeida
Nuno Gonçalo Fonseca
Pedro Morgado
Rui Borrás
Rui Gonçalo
Tiago Batista

* Coralista Convidado

COORDENAÇÃO

Mariana Portas

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Luís Salgueiro
Joaquina Santos

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA – MÁRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Na temporada 2012-2013, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) celebrou 50 anos de atividade, período ao longo do qual foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências dos programas executados. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian a abordagem interpretativa de um amplo repertório, desde o Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora

interior. Em cada temporada, a orquestra realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música (maestros e solistas). Atuando igualmente em diversas localidades do país, tem cumprido desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian tem vindo a ampliar gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, Ásia, África e Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida desde muito cedo com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Susanna Mälkki é a Maestrina Convidada Principal e Joana Carneiro e Pedro Neves os Maestros Convidados. Claudio Scimone, titular entre 1979 e 1986, é Maestro Honorário, e Lawrence Foster, titular entre 2002 e 2013, foi nomeado Maestro Emérito.

Orquestra Gulbenkian

Susanna Mälkki Maestrina Convidada Principal

Joana Carneiro Maestrina Convidada

Pedro Neves Maestro Convidado

Lawrence Foster Maestro Emérito

Claudio Scimone Maestro Honorário

PRIMEIROS VIOLINOS

Franz Siegert *Concertino Principal**

Josefine Dalsgaard *1º Concertino Auxiliar**

Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*

António José Miranda

António Veiga Lopes

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

David Wahnou

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Otto Pereira

Tomás Costa*

Manuel Abecasis*

Catarina Barreiros*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1º Solista*

Jordi Rodriguez *1º Solista*

Cecília Branco *2º Solista*

Maria Leonor Moreira

Stephanie Abson

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Maria José Laginha

Catarina Silva Bastos*

Félix Duarte*

Miguel Simões*

João Castro*

VIOLAS

Samuel Barsegian *1º Solista*

Lu Zheng *1º Solista*

Isabel Pimentel *2º Solista*

André Cameron

Patrick Eisinger

Leonor Braga Santos

Christopher Hooley

Maia Kouznetsova

Catarina Silva*

Cátia Santos*

Augusta Romaskeviciute*

Nuno Soares*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1º Solista*

Marco Pereira *1º Solista*

Martin Henneken *2º Solista*

Levon Mouradian

Jeremy Lake

Raquel Reis

Jaime Polo*

Lara Ariznabarreta*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*

Manuel Rêgo *1º Solista*

Maja Plüddemann *2º Solista*

Marine Triolet

Romeu Santos*

Miguel Menezes*

FLAUTAS

Sophie Perrier *1º Solista*

Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*

Amália Tortajada *2º Solista*

Ana Costa *2º Solista**

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*

Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*

Alice Caplow-Sparks *2º Solista*

Corne inglês

Sofia Brito *2º Solista**

CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*

Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*

José María Mosqueda *2º Solista*

Clarinete baixo

Samuel Marques *2º Solista**

FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*

Vera Dias *1º Solista Auxiliar*

João Azevedo *2º Solista**

Susana Janeiro *2º Solista**

Cidália Torres *2º Solista**

Contrafagote

TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*

Kenneth Best *1º Solista*

Eric Murphy *2º Solista*

Darcy Edmundson-Andrade *2º Solista*

Nuno Cunha *2º Solista**

TROMPETES

Stephen Mason *2º Solista*

Paulo Carmo *1º Solista Auxiliar**

David Burt *2º Solista*

Alfredo Lopes *2º Solista**

TROMBONES

André Melo *1º Solista**

Rui Fernandes *2º Solista*

Pedro Canhoto *2º Solista*

Thierry Redondo *2º Solista**

TUBA

Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*

Francisco Sequeira *2º Solista**

João Dias *2º Solista**

Daniel Pinheiro *2º Solista**

Duarte Santos *2º Solista**

Rodrigo Azevedo *2º Solista**

CELESTA

Cândido Fernandes *1º Solista**

HARPAS

Coral Tinoco Rodriguez *1º Solista**

Ceri Jones *2º Solista**

* instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Andrade

Inês Rosário

Leonor Azêdo

4 + 5 Maio

QUINTA, 21:00 / SEXTA, 19:00

Morte e Transfiguração

**Coro e Orquestra
Gulbenkian**


Susanna Mälkki



**GULBENKIAN
MÚSICA**

GULBENKIAN.PT

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

 **VIEIRA DE ALMEIDA**

MECENAS
MÚSICA DE CÁMARA

 **ANGELMO**

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

 **SANTA
CASA**

MECENAS
CICLO PIANO

 **pwc**

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Consumo combinado de 2,1 l/100 km. Emissões de CO₂ de 49 g/km.

Escolha o óleo original BMW TwinPower Turbo.

BMW iPerformance

bmw.pt



Pelo prazer
de conduzir



DUAS FORÇAS, UM FUTURO.
NOVOS HÍBRIDOS PLUG-IN BMW iPERFORMANCE.

iPERFORMANCE

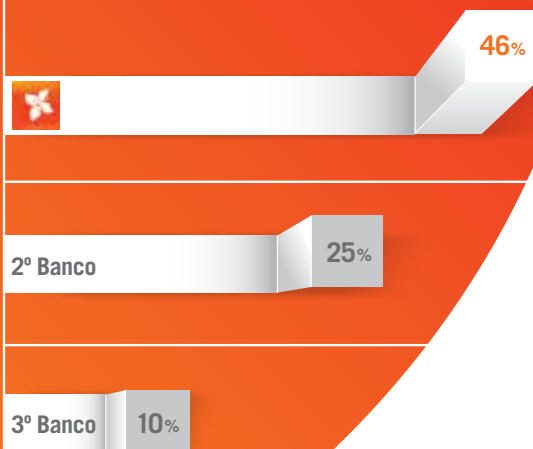
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
800 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Abril 2017

